

PENSAR (EM) PORTUGUÊS

CRÓNICA

Agostinho da Silva Um Pensamento em Acção

Este ano comemora-se o décimo aniversário da morte de Agostinho da Silva. A sua obra distingue-o dos seus contemporâneos pelo facto de se tratar de um homem que não recua perante a utopia



COORDENAÇÃO

RUI FÁRIA
E PAULA
DE SOUSA LIMA

Agostinho da Silva é um dos mais importantes vultos da Cultura Portuguesa e Lusófona do século XX. Nascido no Porto, passou os primeiros anos da sua vida em Barca d'Alva onde um tio anarquista o terá influenciado precoce e definitivamente no seu modo tão peculiar de ver o mundo. Concluirá já no Porto um curso de Línguas e Culturas Clássicas com uma classificação brilhante, começando desde então a sua intervenção cultural, cívica e política, tanto em Portugal como no Brasil, onde passa a maior parte da sua vida. Terminará os seus dias já em Portugal, vivendo uma fama mediática efémera que o tornará mais conhecido dos portugueses, mas talvez menos compreendido e até relativamente pouco estudado.

Com uma obra, feita tanto de reflexões teóricas como de acções práticas, o que distingue Agostinho da Silva dos seus contemporâneos é o facto de se tratar de um homem que não recua perante a utopia. De entre os seus sonhos, ocupava lugar de destaque a instauração de uma efectiva comunidade de povos de língua portuguesa onde o Brasil, não apenas por razões de grandeza territorial ou geográfica, deveria ocupar um lugar de destaque e mesmo central. É que o Brasil era visto pelo autor de Um Fernando Pessoa (de quem fará uma leitura fraterna e inspirada, confessando-se dele eterno devedor) como o espaço cultural, histórico e territorial onde o português melhor pôde expressar as suas potencialidades, sem as amarras e constrangimentos que a Europa central e do norte, científica, tecnológica e pragmática, lhe impõe limitando as suas naturais imaginação, criatividade e generosidade. Só na América do Sul pôde o português ser grande ao sonhar e realizar um 'imenso' Brasil. Só a partir daí renascerá no futuro a grandiosidade da língua e da cultura portuguesas. Mas será igualmente na Ásia e na África que o português terá a oportunidade de (se) reconhecer (n)algumas das mais interessantes dimensões do seu modo de ser. Ao ligar estas espécies de pontas, de declinações da língua e da cultura portuguesa pelo mundo, imaginou Agostinho da Silva uma espécie de rede intercultural e linguística usando um conceito de longa história e uso frequente na Cultura Portuguesa: o V Império. Trata-se, já não de um império humano, da imposição de uma qualquer força pela via das armas ou de uma outra qualquer forma de poder coercivo, mas em primeiro lugar uma espécie de noção globalizada (avant la lettre...) de cultura portuguesa, que é capaz de ir sendo tudo em todo o lado e de todos os pontos, incluindo no Ocidente.

desde o Pe. António Vieira até Fernando Pessoa, mas acrescentando-lhe agora um conjunto de realizações práticas ao criar no Brasil centros de estudo de língua e cultura portuguesa, universidades e bibliotecas, mas também promovendo o intercâmbio com África (por exemplo, procurando valorizar e estudar o que na cultura brasileira é intensamente africano) e o Oriente (como foi o caso da promoção do ensino da língua e cultura portuguesas no Japão).

Sumamente livre e desprendido dos valores materiais, Agostinho da Silva procurou conduzir a sua vida pelo ideal franciscano de pobreza e simplicidade (na sua interpretação joaquimita, que tanta importância teve e continua a ter na Cultura Portuguesa), acreditando na vinda próxima da idade do

Sumamente livre e desprendido dos valores materiais, Agostinho da Silva procurou conduzir a sua vida pelo ideal franciscano de pobreza e simplicidade.

Espírito Santo, simbolizado na pomba ou na criança que, no Pentecostes em diversas localidades do Portugal medieval era coroada, festa que hoje apenas subsiste com o antigo esplendor nos Açores e no Brasil. O 'Portugal menino', de que frequentes vezes falou, não é mais do que a valorização de um mundo que esta festa do Pentecostes ainda recria: o mundo da solidariedade e da cooperação entre todos simbolizada no banquete dado aos pobres (o medieval 'bodo aos pobres'); a libertação dos presos, o convívio dos menos favorecidos com os mais bafejados pela sorte, a inversão dos clássicos valores do poder (económico, político, social...), corando e entronizando antes a espontaneidade, a criatividade, a imaginação e a natural liberdade da criança.

Para alimento quotidiano esta utopia lhe bastava. E não era pequeno o sonho cuja realização ainda hoje em aberto amorosamente nos interpela a darmos-lhe, também nós, a necessária continuidade. Pesada herança e grande responsabilidade a que este grande inspirador 'do mundo a haver' nos legou, ele que só queria ser 'menino' e que se interrogava (e nos interrogava) se era ele que tinha uma gata ou se era a gata que o tinha ele... ||

MARIA MANUEL BAPTISTA
DOUTORADA EM CULTURA PORTUGUESA,
PROFESSORA ALEGIAR
DO DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS
E CULTURAS DA UNIVERSIDADE
DE AVEIRO



LATINICES

Do adjectivo em Latim ao adjectivo em Português

Como língua românica, o Português mantém uma relação estreitíssima com a Língua Latina, sobretudo ao nível vocabular.

Infelizmente, ouvimos, não raras vezes, barbaridades no emprego do superlativo absoluto sintético de adjectivos, como «grandíssimo» ou «grandecíssimo», «cruelíssimo», «doçíssimo», «antiguíssimo», entre outros, que são erros, fruto da falta de conhecimento do latim, por um lado, e resultado da falta de associação «genética» entre o Latim e o Português, por outro.

Para minorizar ou talvez abolir a má formação de um dos superlativos, a seguir se apresenta uma lista de adjectivos em latim e o seu correspondente em português, flexionado, precisamente no grau superlativo absoluto sintético, para que o falante possa constatar a proximidade entre ambos:

- I) felix, felicitis (lat.) (feliz) felicíssimo;
- II) amicus, -a, -um (lat.) (amigo) amicíssimo;
- III) antiquus, -a, -um (lat.) (antigo) antiquíssimo;
- IV) acer, acris, -e (lat.) (acre) acérrimo;
- V) amabilis, -e (lat.) (amável) amabilíssimo;



- VI) dulcis, -e (lat.) (doce) dulcíssimo;
- VII) liber, -a, -um (lat.) (livre) libérrimo;
- VIII) frigidus, -a, -um (lat.) (frio) frigidíssimo;
- IX) fidelis, -e (lat.) (fiel) fidelíssimo;
- X) amarus, -a, -um (lat.) (amargo) amaríssimo;
- XI) crudelis, -e (lat.) (cruel) crudelíssimo;
- XII) celebris, -is, -e (lat.) (célebre) celeberrimo;
- XIII) humilis, -e (lat.) (humilde) humilíssimo;
- XIV) pauper, -eris (lat.) (pobre) paupérrimo;
- XV) niger, -gra, -grum (lat.) (negro) nigérrimo;
- XVI) macer, -era, -erum (lat.) (magro) macérrimo ou magérrimo;
- XVII) terribilis, -e (lat.) (terrível) terribilíssimo;
- XVIII) integer, -gra, -grum (lat.) (íntegro) integérrimo;
- XIX) nobilis, -e (lat.)